



ANAIIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. II (2001)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Livrarias conventuais no Oriente português. Os casos de Santo António de Tana e de Santa Cruz dos Milagres (Goa)

Ana Isabel Buescu 

Como Citar | How to Cite

Buscu, Ana Isabel. 2001. «Livrarias conventuais no Oriente português. Os casos de Santo António de Tana e de Santa Cruz dos Milagres (Goa)». *Anais de História de Além-Mar* II: 33-46.
<https://doi.org/10.57759/aham2001.46897>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.ª de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2001. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2001. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

LIVRARIAS CONVENTUAIS NO ORIENTE PORTUGUÊS. OS CASOS DE SANTO ANTÓNIO DE TANÁ E DE SANTA CRUZ DOS MILAGRES (GOA)

por

ANA ISABEL BUESCU *

A história do livro e da leitura tem registado, nos últimos anos, uma dinâmica muito apreciável no campo mais vasto da história cultural do Antigo Regime, quer seja na perspectiva da produção do livro, da sua circulação e do acesso dos vários grupos sociais ao objecto impresso, quer da constituição de redes de leitura e de bibliotecas ¹. Quanto ao caso português, este campo alargado de pesquisa, de inegável importância para a história sócio-cultural na Época Moderna, e que conta com obras de referência nomeadamente no que respeita aos primórdios da arte tipográfica em Portugal ², tem vindo a afirmar-se de forma evidente nos últimos anos. Deste desenvolvimento dão testemunho, por exemplo, o balanço de João Luís Lisboa sobre a investigação relativa ao livro e à leitura em Portugal, um dos últimos números da prestigiada *Revista de História das Ideias*, totalmente dedicado a este campo de estudos, ou a recente publicação do inventário da biblioteca de Jorge Cardoso, autor do *Agiológio Lusitano* ³.

Na viragem para a Modernidade, a condição periférica de Portugal no quadro europeu condicionou, em larga medida, o contacto ténue e restrito

* Da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Investigadora do Centro de História de Além-Mar.

¹ Sobre este vastíssimo campo de estudos vejam-se, entre muitos outros, Roger CHARTIER, *L'ordre des livres. Lecteurs, auteurs, bibliothèques en Europe entre le XIVe et le XVIIIe siècle*, Paris, 1992, e Fernando Bouza ÁLVAREZ, *Del escribano a la biblioteca. La civilización escrita europea en la Alta Edad Moderna (siglos XV-XVII)*, Madrid, 1992.

² É o caso das obras de Artur ANSELMO, *Les Origines de l'Imprimerie au Portugal*, Braga, 1983, e *História da Edição em Portugal I – Das Origens até 1536*, Porto, 1991.

³ João Luís LISBOA, «Sobre a investigação actual em história do livro e da leitura», *Leituras. Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa*, n.º 1, Abril-Outubro de 1997, pp. 105-112; *O Livro e a Leitura*, coord. Maria Manuela Tavares RIBEIRO, vol. 20 da *Revista de História das Ideias*, Coimbra, 1999; Maria de Lurdes Correia FERNANDES, *A biblioteca de Jorge Cardoso (†1669), autor do Agiológio Lusitano. Cultura, erudição e sentimento religioso no Portugal Moderno*, Porto, 2000.

com as formas culturais mais inovadoras da cultura de além-Pirenéus, mas também o papel pioneiro de Portugal na aventura marítima ⁴. E a Expansão integral, desde os seus primórdios, a dupla demanda de «cristãos e especia-rias», tornando-se a construção do Império, de forma notória desde o reinado de D. Manuel, também um projecto consciente de proselitismo religioso e de expansão da fé cristã ⁵.

Neste quadro, o papel da língua portuguesa e, em articulação, do livro, será um instrumento fundamental que ajudará a sustentar esse desígnio. Vejamos alguns exemplos. Nos finais do século xv, as relações entre Portugal e o reino do Congo chegaram a ser bastante intensas, procurando-se uma política de aproximação com os chefes locais. O envio de descendentes seus para Portugal para se instruírem na fé cristã é uma das manifestações dessa política. Em 1514, D. Manuel enviara como presente ao Negus da Abissínia, entre outras obras, cerca de mil «cartinhas» para aprender a ler, e durante o seu reinado chegou a ser intensa a presença de jovens bolseiros do Congo no Convento dos Lóios, em Lisboa, suscitando a admiração do alemão Jerónimo Münzer; entre eles destacou-se Henrique, filho do rei do Congo, que a pedido de D. Manuel, por nomeação do papa Leão X, veio a ser o primeiro bispo negro do Congo ⁶.

Talvez no ano de 1538 chegavam a Portugal quatro cristãos malabares que D. João III mandara recolher naquele convento para, nas palavras de João de Barros «aí aprenderem, com os outros Etíopes do Congo, de que já temos bispos e teólogos, cousa certo mui nova pera a Igreja de Deus» ⁷. A sua chegada a Lisboa terá estado na génese imediata da *Gramática da Língua Portuguesa com os Mandamentos da Santa Madre Igreja* de João de Barros, publicada em 1539 ⁸, onde se justifica a sua utilidade pelo papel da língua

⁴ António Rosa MENDES, «A vida cultural», in *História de Portugal*, dir. José MATTOSO, vol. III, *No Alvorecer da Modernidade*, coord. Joaquim Romero de MAGALHÃES, Lisboa, 1993, pp. 375-421.

⁵ V. Luís Filipe THOMAZ, «L'idée impériale manuélíne», in *La Découverte, le Portugal et l'Europe*, Actes du Colloque (Paris, 26-28 mai 1988), dir. Jean Aubin, Paris, 1990, pp. 35-103.

⁶ Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, nova ed. preparada e dirigida por Damião PERES, vol. II, Porto-Lisboa, 1968, pp. 271-274; Luís de MATOS, «Introdução» a *Imagens do Oriente no século XVI. Reprodução do Códice Português da Biblioteca Casanatense*, Lisboa, 1985, pp. 48-49. Acerca da presença de livros portugueses no século XVI no Congo e Etiópia, v. Manuel Cadafaz de MATOS, *A Tipografia Quinhentista de Expressão Cultural Portuguesa no Oriente (Índia, China e Japão)*, (diss. de doutoramento, polic., apresentada à FCSH), vol. I, Lisboa, 1997, pp. 20-44.

⁷ João de BARROS, *Grammatica da Língua Portuguesa...* (= *Cartinha*, 1539), pp. 4-5. V. *infra*, nota 8.

⁸ A *Grammatica da Língua Portuguesa com os Mandamentos da Santa Madre Igreja*, que Barros pretendia publicar juntamente com a verdadeira *Grammatica da Língua Portuguesa* – primeira codificação sistemática e completa das regras gramaticais do português, publicada em 1540 em conjunto com o *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem* – surge autonomamente por interesse do editor em 1539 com título idêntico, o que tem gerado alguma confusão. Ela constitui, como refere o autor, uma cartinha para aprender a ler, seguida dos preceitos

portuguesa no encontro planetário das civilizações e sobretudo na expansão da fé cristã, «com que muitos povos da gentilidade são metidos em o curral do Senhor»⁹.

Mas a eficácia da evangelização depende também, de forma decisiva, do conhecimento das línguas autóctones, campo onde é possível referenciar casos – alguns conhecidos e outros menos – em que a «conquista das almas» tem como instrumento um sólido conhecimento dessas línguas por parte dos missionários, e de que chegaram até nós inúmeros testemunhos escritos, quer de traduções de obras de doutrina cristã para essas línguas quer de vocabulários e «artes» mais ou menos rudimentares para aprendizagem dos próprios missionários. Entre estes há a destacar, sem dúvida, os membros da Companhia de Jesus. Apenas a título de exemplo, refiram-se os padres Luís de Azevedo e a sua acção missionária na Etiópia a partir de 1605¹⁰, Mateus Cardoso no Congo¹¹, ou Jerónimo Xavier no império do Grão Mogol, de que voltaremos a falar; mas também obras como a *Arte da Língua Malabar* do P.^e Henrique Henriques, pronta para impressão em 1549, a *Cartilha em Tamul e Português*, impressa em Lisboa, em 1554, a *Arte da Língua Canarim* do P.^e Tomás Estêvão, impressa em Rachol em 1640, ou a *Arte da Língua da Iapam* do P.^e João Rodrigues. Muitos outros poderiam ser apontados, muitos outros continuam por referenciar¹².

Os exemplos acima referidos ilustram a importância e a pertinência em considerar o papel do livro no quadro mais geral da presença portuguesa no Oriente a partir do século XVI. Há, portanto, um campo a explorar no que respeita à história do livro e das bibliotecas na sua relação com a Expansão, onde é possível desde já apontar alguns contributos importantes. Destacaremos, a título de exemplo, a tentativa de inventariação de Charles Boxer no que respeita à tipografia indo-portuguesa¹³, o amplo estudo de Manuel Cadafaz de Matos sobre a tipografia portuguesa do século XVI na Índia, China e Japão¹⁴, o trabalho de Rui Manuel Loureiro sobre a biblioteca do cronista Diogo do Couto¹⁵ e, em colaboração com Maria Augusta Lima

e mandamentos da Igreja e de algumas orações, segundo um modelo já habitual. V. Maria Leonor Carvalhão BUESCU, «Introdução» a João de BARROS, *Gramática da Língua Portuguesa, Cartinha, Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem e Diálogo da Viciosa Vergonha*, reprod. fac-similada, leitura, introdução e anotações, Lisboa, 1971.

⁹ João de BARROS, *Grammatica...* (= *Cartinha*, 1539), ed. cit., p. 4.

¹⁰ Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, vol. III, Lisboa, 1752, pp. 60-61.

¹¹ *Ibidem*, p. 446.

¹² Maria Leonor Carvalhão BUESCU, *O Estudo das Línguas Exóticas no século XVI*, Lisboa, 1983; idem, *A Galáxia das Línguas na Época da Expansão*, Lisboa, 1992. V. também *infra*, notas 13 e 14.

¹³ Charles BOXER, «A Tentative Check-List of Indo-Portuguese Imprints», in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. IX, Paris, 1975, pp. 567-599.

¹⁴ Manuel Cadafaz de MATOS, *A tipografia de Expressão Cultural Portuguesa no Oriente nos séculos XVII e XVIII (Índia, China e Japão)*, (diss. mestrado, polic., apresentada à FCSH), 2 vols., Lisboa, 1990; idem, *A Tipografia Quinhentista...*, já citado.

¹⁵ Rui Manuel LOUREIRO, *A Biblioteca de Diogo do Couto*, Macau, 1998.

Cruz, o estudo, em curso, da livraria do Convento da Graça de Lisboa entre os séculos XVI e XVIII ¹⁶.

Neste quadro, pensamos que o estudo da composição das bibliotecas conventuais surgidas no âmbito da presença portuguesa no Oriente poderá revelar-se fecundíssimo, não apenas no campo estrito da história do livro, mas também, e talvez sobretudo, no que respeita aos modos da presença da cultura portuguesa e, de forma mais geral, da cultura europeia no Oriente, bem como à interacção com as culturas locais. É justamente a vertente relativa à composição de livrarias conventuais no Oriente que aqui procuramos sondar, através dos casos dos inventários setecentistas de duas livrarias conventuais de Goa.

As *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Goa e seus Suffraganeos*, códice do século XVIII conservado na Biblioteca Nacional de Lisboa ¹⁷, constituem um repositório de grande importância para a história de Goa, em particular para a sua história eclesiástica. Fornecem, além disso, elementos de particular interesse para a história cultural, nomeadamente no que respeita às questões do livro e das bibliotecas, uma vez que incluem a reprodução dos catálogos de duas importantes livrarias conventuais de Goa, de que nos ocuparemos.

Por outro lado, reproduzem também uma relativamente extensa e significativa notícia de obras de autores jesuítas em Goa, que dá conta, de forma muito evidente, da inserção e da acção cultural da Companhia no Oriente português, bem como da expressiva actividade tipográfica em Goa, onde os primeiros prelos trabalhavam já em 1556, e que é por muitos considerada um dos instrumentos privilegiados da evangelização ¹⁸.

Mas debrucemo-nos sobre as duas bibliotecas conventuais. O primeiro inventário que aqui consideramos é o da livraria do Convento de Santa Cruz dos Milagres, em Goa. O Convento de Santa Cruz dos Milagres, convento oratoriano e primeira congregação aberta a clérigos indígenas a surgir não apenas na Índia mas em toda a Ásia ¹⁹, foi fundado em 1709 em Goa, depois de obtidas as necessárias aprovações papal e régia, embora as primeiras tentativas do seu estabelecimento remontem aos anos de 1680-85 e à decisiva acção do P.^e José Vaz ²⁰.

¹⁶ Projecto desenvolvido no âmbito do Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL.

¹⁷ BNL, Res. cód. 176, microfilmado (F. 2527).

¹⁸ Charles BOXER, «A Tentative Check-list of Indo-Portuguese Imprints», cit.; Manuel Cadafaz de MATOS, *O elogio da pobreza: missionários, tipógrafos e livros no Oriente do século XVI (1548-1600)*, sep. de *Estudos em Homenagem a Jorge Borges de Macedo*, Lisboa, 1994, pp. 265-290. Sobre o início da actividade tipográfica em Goa, v. Manuel Cadafaz de MATOS, *A Tipografia Quinhentista...*, cit., vol. I, T. 2, pp. 8-16.

¹⁹ Carmo SILVA, «Goan Oratorians», in *Goa and Portugal. History and Development*, XCHR Studies Series N.º 10, ed. Charles Borges, Óscar Pereira, Hannes Stubbe, Nova Deli, 2000, pp. 275-281.

²⁰ *Ibidem*.

A dimensão e os conteúdos da livreria do convento merecem, sem dúvida, um estudo pormenorizado, e reflectem a vitalidade da acção dos Oratorianos em Goa, apesar de o seu número ter sido sempre bastante reduzido. Embora não existam estatísticas precisas, o Oratório em Goa, ao longo de uma actividade que se prolongou até à extinção das ordens religiosas em 1834, nunca teve mais de sete dezenas de membros em simultâneo, muitos dos quais empenhados no trabalho de missão em Ceilão ²¹.

Apesar, portanto, do relativamente pequeno número de membros da congregação e das dificuldades de vária ordem que esta teve em implantar-se, a livreria do convento de Santa Cruz dos Milagres surge como uma importante biblioteca com mais de 500 volumes, número que é, sem dúvida, apreciável para a época, mesmo se considerado em termos absolutos. No que respeita aos seus conteúdos, torna-se problemático proceder a uma avaliação sistemática e sem falhas, já que muitas das indicações são pouco precisas, quer no que respeita a autores quer a títulos e número de volumes. Por outro lado, não há qualquer distinção entre livros manuscritos e impressos. Em todo o caso, esboçaremos uma apreciação global das secções em que se encontra dividido o inventário.

Do conjunto das obras destacam-se, naturalmente, as matérias eclesiásticas, em particular obras de teologia positiva e predicativa, com mais de 200 volumes. Para lá de «sete Biblias, e huma dellas em tres tominhos, e duas Concordancias, húa obra de Bibliotheca Patrum em quatro volumes e outra Bibliotheca em sinco volumes», encontramos autores como São Jerónimo, Santo Agostinho, S. João Crisóstomo, mas também os *Sermões* de Vieira em onze tomos, a par de muitas outras dezenas de referências a obras relativas ao sermonário e à pregação. Mas o inventário inclui também a teologia especulativa e polémica – com, entre outras, obras S. Tomás e S. Boaventura – teologia moral e direito canónico – em que se incluem, por exemplo, um volume relativo à doutrina tridentina, o célebre *Manual de Confessores y Penitentes* do teólogo Martín Azpilcueta Navarro, publicado em português em 1560, ou as *Constituições* do Arcebispado de Goa – e teologia mística, onde se referem obras como a vida de Frei Bartolomeu dos Mártires da autoria de Frei Luís de Sousa ²², o *Flos Sanctorum* em português, uma das mais célebres compilações hagiográficas publicada em 1513, e muitas obras espirituais e de meditação.

Na biblioteca do convento de Santa Cruz dos Milagres têm ainda um lugar destacado alguns autores e obras directamente relacionados com o Oratório, como é o caso dos *Anais Eclesiásticos* de César Barónio, que sucedeu em 1593 a S. Filipe de Néri como superior da congregação, dos *Sermões* (1692-1694) do fundador do Oratório em Portugal, P.^e Bartolomeu

²¹ *Ibidem*, pp. 280-281.

²² Embora do inventário não conste referência à autoria da obra.

de Quental, ou dos *Sermões* e da *Nova Floresta* (1706-1728) do oratoriano P.^e Manuel Bernardes.

Mas desta relação constam também livros de gramática, retórica, filosofia e história, de acordo com a própria ordenação do inventário ²³. Sem pretendermos fazer aqui uma relação exhaustiva, um núcleo merece a nossa particular atenção. Nele se incluem, entre manuscritos e impressos, várias gramáticas e «artes» das línguas latina, portuguesa e «da terra», «humana selecta, e dous cartapacios de syntaxe», vários vocabulários, sem mais elementos que permitam uma avaliação concreta, e «humana prosodia de Pereyra acrescentada» ²⁴. Embora só o apelido do autor seja referido, trata-se muito provavelmente do jesuíta Bento Pereira, e a obra referida a *Prosodia in Vocabularium Bilingue, Latinum, et Lusitanum, Digesta*, publicada pela primeira vez em Évora, em 1636, e que foi objecto de várias edições até ao século XVIII, sendo muito acrescentada a edição de Lisboa de 1669 ²⁵. Destaque ainda para o dicionário do lexicógrafo italiano Ambrósio Calepino (1435?40?-1511). Embora o título da obra não seja referido, trata-se do célebre *Dictionarium Latinae Linguae...*, publicado em 1502 e considerado um dos grandes dicionários latinos quinhentistas, sucessivamente ampliado e objecto de numerosíssimas edições até ao século XVIII. Este conjunto de obras parece-nos extremamente sugestivo uma vez que, para lá dos aspectos relativos ao desempenho da função eclesiástica, evidencia o carácter decisivo e central da relação linguística no âmbito mais geral da missão e da «conquista das almas».

Entre as obras gramaticais acima referidas, é necessário destacar a *De Institutione Grammatica Libri Tres* do jesuíta Padre Manuel Álvares, publicada pela primeira vez em 1572, objecto de cerca de 600 edições até hoje, e que quase «obrigatoriamente» encontramos na livraria de Santa Cruz dos Milagres – em dois exemplares – pois que foi com esta *Arte* que o latim foi ensinado durante quase dois séculos um pouco por toda a Europa e fora dela ²⁶. Mas junto à gramática latina do P.^e Manuel Álvares, está também «humana Orthographia da Lingua Portuguesa, um vocabulario da lingua da terra manuscripto e ainda duas Artes da lingua da terra hũa impressa, e outra manuscripta» ²⁷, o que, como já tivemos ocasião de assinalar, nos parece extremamente significativo, embora não nos seja possível identificá-las.

Para além da presença de autores e obras importantes no campo da filosofia escolástica em Portugal, como é o caso dos «Conimbricenses em

²³ BNL, Res., cód. 176, fols. 303v-305v.

²⁴ A prosódia é a parte da gramática que trata da pronúncia das palavras.

²⁵ V. Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, T. I, Lisboa, 1741, 509 pp. Agradecemos esta informação ao Doutor João Saramago, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

²⁶ Maria Leonor Carvalhão BUESCU, *A Galáxia das Línguas...*, p. 72.

²⁷ BNL, Res., cód. 176, fól. 303v.

sinco tomos»²⁸, ou das obras de Frei João de São Tomás, prestigiado lente de Filosofia e Teologia do século xvii e autor de vasta obra nesses campos²⁹, surgem também vários autores clássicos como Aristóteles, Ovídio, Virgílio, e Quinto Cúrsio, se bem que, de uma forma geral, os respectivos títulos sejam omissos.

Significativa é também a existência neste inventário de uma *Nobiliarchia Bracmana*. Este facto tem, evidentemente, a ver com a inserção dos Milagristas na Velha Goa, mas talvez sobretudo com o facto de o Oratório de Goa ser uma congregação aberta aos não-europeus de todas as castas, embora tivesse surgido por vezes a acusação – infundada, segundo Carmo Silva – de na prática só aceitar membros da casta brâmane³⁰.

Quanto à cronística e à historiografia, incluída na secção «Da Theologia Mistica, e dos Annaes», deparamos apenas com a presença de *A Ásia Portuguesa* de Manuel de Faria e Sousa, cujos três tomos foram publicados postumamente em 1666, 1674 e 1675, e as *Décadas* de João de Barros, sem qualquer outra indicação³¹. Mas há também uma referência imprecisa a duas crónicas eclesiásticas, a *Historia geral prophetica da ordem do Carmo, e huma Choronica dos Carmelitas Descalços*, e aos dezoito volumes, e uma suma, dos já referidos *Anais Eclesiásticos* de César Barónio.

Mas as *Memorias para a Historica Ecclesiastica do Arcebispado de Goa e seus Suffraganeos*, que reproduzem este inventário da livraria do Convento de Santa Cruz dos Milagres, incluem ainda outros elementos que nos interessa considerar, e que dizem respeito aos trabalhos da então recentemente criada Academia Portuguesa da História por D. João V. Nascida por decreto régio de 8 de Dezembro de 1720, a principal tarefa desta nova instituição, cujo primeiro director foi Manuel Caetano de Sousa, era a de «estudar e escrever a História Eclesiástica destes Reinos e suas Conquistas». Aos membros da Academia eram concedidas algumas facilidades no acesso à documentação necessária. A este respeito, sublinhemos uma disposição de inícios de 1721: por carta régia de 11 de Janeiro e avisos de 16 e 18 de Março desse ano, ordenava-se aos responsáveis pelos arquivos e cartórios do Reino que fornecessem cópias dos documentos à sua guarda a todos os membros da Academia que os solicitassem³².

²⁸ V. José Sebastião da Silva DIAS, *Os Descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*, Coimbra, 1973, pp. 33 e ss.

²⁹ Os títulos não são referidos no inventário. V. Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, T. II, Lisboa, 1747, pp. 775-778.

³⁰ Carmo SILVA, «Goan Oratorians», cit.

³¹ Na secção do inventário intitulada «Da Theologia Mistica, e dos Annaes», onde encontramos a referência a Faria e Sousa e a João de Barros, é ainda registado um outro autor e respectivo título, que não identificámos: *De Passarelo de Bello Lusitano hum volume*. V. BNL, Res. cód. 176, fól. 305v.

³² José Costa PEREIRA, «Academia Real de História Portuguesa», in *Dicionário de História de Portugal*, vol. 1, Lisboa, 1985, pp. 16-17.

Nas *Memorias*... encontramos eco directo da ordem régia com vista à dinamização dos trabalhos da Academia. Com efeito, elas incluem um conjunto bastante minucioso de notícias e informações dirigidas àquela instituição, constantes do *Progreso da Memoria das Noticias que El Rey N. Snor que Deus Gde ordena se dem a Academia Real da Historia Portugueza dos Cartorios e Archivos desta nossa Sta Provincia da Madre de Deus dos Reformados Filhos de Nosso Serafim Patriarcha S. Francisco*, com data de 1726, e coligidas por mandado de Fr. Simão de Jesus Maria, então ministro provincial da ordem ³³.

Como o próprio título indica – *Progreso da Memoria* – trata-se de um complemento e sequência de notícias e informações anteriormente enviadas para Lisboa, em cumprimento da referida ordem régia ³⁴. Assim, na monção de 1724 para 1725, na nau de Sua Majestade de nome Madre de Deus, capitaneada por D. José Caetano Sottomayor, fora já enviado ao secretário da Academia, conde de Vila-Maior, «hum livro in folio, encadernado em pasta, enclausurado em hũa Via de Damasco Amarello», em que se incluíam amplas notícias relativas à história eclesiástica de Goa recolhidas nos últimos três anos nos cartórios dos conventos franciscanos de Goa ³⁵.

As notícias que agora se coligiam davam portanto sequência à ordem régia parcialmente cumprida no volume enviado à Academia em 1724, de acordo com itens muito concretos constantes das ordenações da *Memoria das Noticias pertencentes às Religiões* ordenada por D. João V ³⁶, em que se inclui expressa referência às informações respeitantes aos conteúdos das livrarias conventuais: «Que mandemos a Academia os Catalogos dos Livros das Livrarias dos Conventos, especialmente dos manuscritos, etc.» (ordenação 4.^a) ³⁷.

Assim, e em conformidade, a documentação enviada à Academia inclui referência a um catálogo de livreria conventual, a do convento franciscano de Taná. A livreria do convento de Taná, conforme consta do inventário reproduzido no *Progreso da Memoria das Noticias*... para a Academia Real

³³ BNL, cód. 176, fols. 79-95v.

³⁴ O próprio monarca determinava, como se afirma, que «Para se remetterem as Noticias ao Secretario da Academia não devemos esperar que estejam todas juntas, mas ser sim conveniente que as mandemos successivamte assim como se forem descobrindo, para que mais promptamte possão das mesmas uzar os Academicos», *Ibidem*, fól. 80.

³⁵ *Ibidem*, fól. 80-80v.

³⁶ «Que mandem a Notícia dos Rittos antigos, Reliquias, Milagres, e mais couzas notaveis de cada Mosteyro» (ordenação 7.^a); «Que mandemos copiados a Academia todos os Letreyros de Cappellas, e sepulturas de todos os Conventos, e Collegios, assim antigos, como modernos, com os Escudos de Armas, que ouver em qual quer parte dos ditos Mosteyros seja em Muros, Arcos, ou Sepulturas» (ordenação 6.^a); «Que mandemos hum Inventario, que com miudeza declare todos os Papeis, e Instrumentos, que estão em cada Cartorio desta Religião, declarando o que contem cada hum em particular, Era, ou Anno em que foy feito, e de cada Livro, ou Masso se tire hum Índice dos papeis q contem» (ordenação 2.^a).

³⁷ *Ibidem*, fól. 91.

da História, é constituída por 255 volumes. Trata-se de um número apreciável, que foi seguramente mais elevado pois se diz expressamente que nesse número não se incluem os volumes «de todo já damnificados do guzano»³⁸. Apesar de a ordenação de D. João V referir expressamente a conveniência em distinguir os manuscritos dos impressos, tal distinção não é feita, não nos sendo pois possível avaliar da composição da livraria nesse particular.

Por outro lado, o inventário mostra-se bastante lacunar, surgindo muitas das obras com o título ou o próprio nome do autor abreviados, obras referidas sem nome de autor e nomes de autores sem os títulos. Em todo o caso, é possível uma apreensão global do inventário, já que os livros são «arrumados» segundo secções bem delimitadas. Eis a ordenação feita no próprio inventário, acompanhada da indicação do número de volumes de cada secção: *Santos Padres, e Expositores*, 88. *Decretaes e Juristas*, 18. *Canonistas*, 15. *Moralistas*, 30. *Humanistas*, 13. *Espirituaes*, 11. *Theologos e Filosofos*, 6. *Predicativos*, 74³⁹.

Em termos de conteúdos, avultam naturalmente as matérias eclesiásticas nas suas várias vertentes. Assim, entre os «Santos Padres e Expositores», e para além da *Biblia Sacra – Concordantia – Biblia Alphabetica*, encontramos obras e comentários de autores como S. Boaventura, Santo Agostinho, S. Tomás de Aquino, a *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesareia (sécs. III-IV) ou ainda, com bastante destaque, quatro entradas relativas a Nicolau de Lira, célebre exegeta franciscano que viveu entre os séculos XIII e XIV; na secção relativa aos «Canonistas», surgem os nomes reputados do teólogo dominicano Frei Martinho de Ledesma e de Martín Azpilcueta Navarro (este último também representado nos juristas), que chegaram a leccionar na Universidade de Coimbra, no quadro da reforma dos estudos de D. João III.

Na secção dos «Moralistas», entre outros, uma *Instrução de Confessores* de Medina⁴⁰ e um *Manual de Confessores* sem indicação de autor, mas que pode bem corresponder ao muito difundido manual de Azpilcueta Navarro que também existia em Santa Cruz dos Milagres, e que circulou largamente no Oriente, uma *Instrução de Sacerdotes* de Molina, o catecismo romano, ou os *Cazos de Consciencia* de Beja. Quanto a este último, pensamos tratar-se de Frei Luís de Beja Perestrelo, da ordem de Santo Agostinho, que professou no convento da Graça em Lisboa no ano de 1558 e ensinou Teologia em Roma. Uma das suas obras, publicada em 1582 e com várias edições posteriores com alterações, intitula-se *Decisiones Casuum Conscientiae...*, que pode efectivamente corresponder à descrição sumária constante do inven-

³⁸ *Ibidem*, fól. 93.

³⁹ *Ibidem*.

⁴⁰ Não conseguimos identificar este autor. A única referência a este apelido que pode aplicar-se é o prelado D. Frei Mateus de Medina, bispo de Cochim em 1577 e arcebispo de Goa em 1588, mas a quem não é atribuída qualquer obra.

tário da livraria do Convento de Taná ⁴¹. No que respeita aos «Espirituaes», contam-se onze obras, entre as quais uma *Vida de Fr. Henrique de Suso* (1296-1381), uma das grandes figuras da espiritualidade mística que prepara a eclosão da *devotio moderna* ⁴², e o *Guia de Peccadores* que, embora sem indicação do nome do autor, deve corresponder à célebre e muito divulgada obra de Frei Luís de Granada, publicada pela primeira vez em Lisboa, em 1556, e que teria, entre outras, uma edição em japonês publicada em Nagasáqui em 1599 ⁴³. Frei Luís de Granada encontra-se aliás bem representado neste inventário, havendo a registar duas entradas – sem indicação dos títulos – na secção relativa aos autores «Predicativos», e a referência a uma outra sua obra célebre, o *Simbolo de la Fe*, publicada pela primeira vez no ano da sua morte, em 1588.

Quanto aos «Humanistas», encontramos o nome do italiano Calepino, cujo dicionário quinhentista vimos também constar da livraria do convento de Santa Cruz dos Milagres, e que estará na base do *Dictionarium Latino Lusitanicum, Ac Japonicum* impresso em Amakusa, no Colégio da Companhia de Jesus, em 1595 ⁴⁴, e ainda a referência a uma prosódia e a dois vocabulários, um deles atribuído a um autor de nome Cardozo. Trata-se, provavelmente, do muito difundido *Dictionarium Latino-Lusitanicum et vice versa Lusitanico-Latinum* (1569), considerado o primeiro dicionário publicado em Portugal ⁴⁵.

É nesta secção que deparamos igualmente com vários autores clássicos como Cícero, Salústio, Virgílio, Ovídio ou Quinto Cúrsio, sendo que em caso algum os títulos são referidos, o que inviabiliza uma apreciação mais concreta. Sublinhe-se, contudo, que também na livraria do convento de Santa Cruz dos Milagres encontramos referência a alguns destes autores, e se Cícero e Virgílio são dois nomes indiscutivelmente cimeiros da cultura antiga desde a época medieval, Salústio e Quinto Cúrsio contam-se, segundo Peter Burke, entre os historiadores antigos com maior fortuna na Europa durante a Época Moderna ⁴⁶. Os clássicos não integram portanto apenas as bibliotecas laicas, mas constituem, em alguns casos, uma presença habitual nas bibliotecas eclesiásticas.

⁴¹ V. Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, T. III, 1752, pp. 61-62.

⁴² Pierre CHAUNU, *Le temps des réformes. Histoire religieuse et système de civilisation I – La crise de la Chrétienté*, Bruxelas, 1984, pp. 121-123.

⁴³ Manuel Cadafaz de MATOS, *A Tipografia Quinhentista...*, cit., vol. II, pp. 327-331.

⁴⁴ Idem, *O elogio da pobreza...*, cit., legenda da gravura VII e a respectiva descrição catalográfica completa em idem, *A Tipografia Quinhentista...*, cit., vol. II, pp. 287-291.

⁴⁵ Justino Mendes de ALMEIDA, «O primeiro lexicógrafo português de língua latina», *Euphrosyne*, 2, 1959, pp. 139-152; I. RÉVAH, «Les origines de Jerónimo Cardoso, auteur du premier dictionnaire portugais imprimé», *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, nova série, XXXVI, 1964, pp. 277-279.

⁴⁶ Peter BURKE, «Da popularidade dos historiadores antigos, 1450-1700», in *O Mundo como Teatro. Estudos de Antropologia Histórica*, Lisboa, 1992, pp. 171-193.

Pensamos que esta breve sondagem em torno de dois inventários setecentistas dá conta da pertinência de uma investigação mais sistemática das livrarias conventuais – e não só – no Oriente português, de resultados certamente estimulantes a vários títulos, quer no que respeita à composição das bibliotecas e à presença da cultura europeia em terras do Oriente, quer à actividade tipográfica na sua articulação com a missão e o papel cimeiro dos Jesuítas, quer ainda no que respeita à interacção com as civilizações locais. Veja-se, por exemplo, no que diz respeito a Goa, o caso dos inventários setecentistas das livrarias do Palácio rural de Santa Inês e do de Pangim, de que encontramos notícia numa miscelânea manuscrita da Biblioteca Nacional. Num rol bastante diversificado em que se incluem obras como a *Crónica de D. Afonso Henriques*, a *Historia Universal* de Bosuet ou a *Fenix Renascida*, deparamos com a aparentemente inesperada presença dos *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica* (1687) de Isaac Newton ⁴⁷!

Mas as *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Goa e seus Suffraganeos* incluem ainda, como atrás dissemos, um rol de obras de autores jesuítas da Província de Goa, que dá conta da inserção e da acção cultural da Companhia em terras do Oriente. De facto, daquela notícia – que integra a relação e descrição de um total de quarenta e uma obras – consta, para além de obras manuscritas em português, castelhano, latim e «outros em Lingoa, e letra Parçia», a indicação das obras impressas no Colégio de Santo Inácio da Companhia de Jesus em Rachol, um pouco a sul de Goa, em caracteres portugueses, «mas na lingoa da terra» ⁴⁸.

Sublinhe-se que no código se assinala tratar-se da *Noticia 5.^a dos Livros...*, o que significa estarmos em presença da continuação de um rol mais alargado, que no entanto não conseguimos referenciar no seu conjunto. Em todo o caso, este elenco revela-se por si só extremamente interessante e significativo da presença e da acção missionária dos Jesuítas em Goa, e da forma como a missão e a «conquista das almas» passa de modo decisivo pelo instrumento linguístico. Manuel Cadafaz de Matos considera mesmo este rol como o «primeiro censo das obras impressas pelos Jesuítas na Índia de expressão cultural portuguesa» ⁴⁹, talvez da autoria do P.^e Francisco de Sousa, e feito entre 1665 e 1712, data da sua morte ⁵⁰.

Das 13 obras que surgem na «lingoa da terra» – identificada como «bramana», «bramana marasta», «bramana vulgar», «canarim», «bramana canarim» ou ainda «marasta» – 12 são impressas, provavelmente entre os

⁴⁷ BNL, Res. cód. 1525, fól. 410.

⁴⁸ BNL, Res. cód. 176, fols. 75-76v.

⁴⁹ Manuel Cadafaz de Matos, *A Tipografia de Expressão Cultural Portuguesa...*, cit., vol. II, p. 2. Cadafaz de Matos reproduz e faz a descrição dos 12 livros impressos constantes da «Notícia 5.^a», op. cit., vol. II, pp. 2-23.

⁵⁰ Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, III, 1747, p. 266.

anos de 1616 e 1660⁵¹, e todas elas relativas a matérias religiosas e de doutrina ou a matérias linguísticas. Destaque tem, naturalmente, a obra do P.^e Tomás Estêvão, o *Discurso sobre a Vida de Jesus Christo*, aqui designado por *Purana, que vem a ser a Historia da Vida de Christo* (1616), considerada por Boxer como o mais antigo livro impresso na Índia no século XVII⁵². Outras obras constantes deste rol são a *Doutrina Christam em Lingoa Bramana canarim. Ordenada a maneira de Dialogo, pera ensinar os meninos* (1622) do P.^e Tomás Estêvão, o *Primeiro, e Segundo Tomo [dos Discursos sobre a vida] do Apostolo São Pedro, em que se refutão os prinçipaes erros do Gentilismo deste Oriente e se declarão varios misterios de nossa Santa Fee [...]*, composta em «lingoa bramana marastta» pelo P. Estêvão da Cruz (1629-34), a *Declaração da doutrina christam collegida do Cardeal Roberto Bellarmino [...] e outros Authores. Compostos em Lingoa bramena vulgar* pelo P.^e Diogo Ribeiro (1632), a *Arte da lingoa canarim* do P.^e Tomás Estêvão, acrescentada pelo P.^e Diogo Ribeiro e, como se indica, novamente revista por outros padres da Companhia (1640), o *Jardim de Pastores* do P.^e Miguel de Almeida, em língua «bramana» (1658-59), ou ainda os *Soliloquios divinos* do P. Bernardino Villegas em «lingoa brahmena» (1660)⁵³. Apenas uma destas obras não surge em letra de forma: o *Cathecismo Marastta*, composto pelo P.^e Simão Gomes, escrita em «caracteres gentílicos», provavelmente destinado à impressão.

As restantes 28 obras apresentam-se sob a forma manuscrita, 1 em castelhano, 3 em latim, 8 em português e 16 em persa. Os temas são bastante diversificados, e vão desde obras sobre questões relativas à presença dos Jesuítas e da acção missionária e de doutrinação na Índia⁵⁴, Japão⁵⁵ e Etiópia⁵⁶, até à *Historia de Seilão* da autoria do P.^e Fernão Queirós (1617-

⁵¹ Manuel Cadafaz de MATOS, *A Tipografia de Expressão Cultural Portuguesa...*, cit., vol. II, pp. 5-8 e notas.

⁵² Charles BOXER, «A Tentative Check-List...», cit., p. 579.

⁵³ *Ibidem*; Manuel Cadafaz de MATOS, *A Tipografia de Expressão Cultural Portuguesa...*, cit., vol. I, pp. 66-92, e vol. II, de apêndice documental, onde se encontram descritas várias destas obras.

⁵⁴ P.^e Sebastião da MAIA, *India Christiana, Instructiones Morales, pro Casibus Conscientiae apud Indos utriusque Orbis Occurrentibus*.

⁵⁵ São elas: *Obra composta pello Pe. Gaspar Estevão no anno de 1597 sobre o martirio, que deo Faicorama Rey universal de todo o Japão a seis Religiosos de S. Francisco, tres irmãos da Comp^a e a 17 Japões em Portuguez*; *Doutrina Christam para enformar os Japões das couzas de nossa S. Fé Catholica em Portuguez*, sem nome de autor. Recorde-se a existência de duas edições impressas de uma *Doutrina Christam* no Japão, da iniciativa da Companhia de Jesus, a primeira de 1592 (Amakusa), a segunda, acrescentada, de 1600 (Nagasáqui). V. Manuel Cadafaz de MATOS, *A Tipografia Quinhentista...*, cit., vol. II, pp. 245-247 e pp. 335-338.

⁵⁶ *Cathecismo acomodado aos Christãos de Ethiopia. Contem quatro tratados: o 1.º da Fé nelle se explica o Credo, e se refutão os erros, que na Fé tem Ethiopia. o 2.º he da ley de Deos. Nelle se explicão os dez mandamentos de ley de Deos, sinco da S. Madre Igreja, e refutão os erros que ha a cerca da ley de Deos em Ethiopia; o 3.º he dos Sacramentos: nelle se explicão os sete sacramentos da Igreja de Christo, e se refutão os erros, e abusos, que nelles tem Ethiopia; o 4.º he*

-1688), em português, editada em língua inglesa em 1930-31 ou a *Coronica da Companhia na Prouincia de Goa* do P.^e Sebastião Gonçalves, concluída em 1614 e que veio a ser impressa já no nosso século ⁵⁷.

Destaque tem, sem dúvida, o conjunto de dezoito obras da autoria do célebre jesuíta Jerónimo Xavier (1549-1617), responsável pela acção missionária no Império do *Grão Mogol*, para onde partiu em 1594, iniciando uma presença que se prolongou por cerca de vinte anos ⁵⁸. Neste elenco surge um importante núcleo de dezasseis títulos escritos ou traduzidos para língua persa por Jerónimo Xavier sobre matérias religiosas, de teor catequético e de refutação teológica, algumas delas nunca referenciadas ⁵⁹. Assim, encontramos referidos o *Psalterio de David*, a *Vida dos doze Apostolos*, a *Vida de Christo N. Senhor*, obra que se sabe ter sido impressa ⁶⁰, a *Doutrina Christam* e a *Explicação difuza do Credo*, a *Soma da Ley dos Christãos* e o *Espelho da verdade, onde se confutão todos os erros dos Mouros, e o Alcorão, e se prova a verdade da Fê Catholica*, provavelmente datada de 1596 ⁶¹; mas também obras de índole bem diversa, como um espelho de príncipes intitulado na *Noticia 5.^a Directorio dos Reys* dirigido ao Grão Mogol Jaanguir, sucessor de Acbar, datado de 1609 ⁶², e um conjunto de obras relativas à cultura antiga, como seja a *Fundação de Roma, E Emperador della, Algñas obras de Marco Tullio* [Cícero] e *Livros da Philosophia, dittos de Philosophos*, e em que se destaca um núcleo de quatro obras de Plutarco ⁶³. Da sua autoria mas em latim, surge neste rol de livros uma obra sobre a embaixada do P.^e António de Monserrate ao Grão Mogol em Janeiro de 1591, e em castelhano uma obra de apologia da religião cristã contra o Islame ⁶⁴.

da oração. Nelle se trata da oração mental e vocal, e do officio divino. E das orações, de que uza a Igreja Romana, principalmente do P. Nosso, e Ave Maria. Em Portuguez, sem nome de autor.

⁵⁷ P.^e Sebastião GONÇALVES, *Primeira Parte da História dos Religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram [...] nos Reynos e Provincias da India Oriental*, ed. de J. WICKI, 3 vols., Coimbra, 1957-62.

⁵⁸ Sobre a presença das missões jesuítas no Império Mogol desde 1580, v. Edward MACLAGAN, *Os Jesuítas e o Grão Mogol*, Porto, 1946. Sobre a acção de Jerónimo Xavier, sobretudo pp. 61-101.

⁵⁹ Veja-se o elenco, muito lacunar – se tivermos em conta o rol da *Noticia 5.^a* – das obras de Jerónimo XAVIER na monumental *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, nouv. éd. par Carlos Sommervogel, Tomo VIII, Bruxelas-Paris, 1898, cols. 1337-40.

⁶⁰ *Ibidem*, n.º 8, cols. 1339-40.

⁶¹ *Ibidem*, n.º 2, cols. 1337-9. Esta obra poderá eventualmente corresponder ao *Espelho da Pureza*, escrito em língua persa por Jerónimo Xavier, que os missionários jesuítas ofereceram a Acbar, e no qual o Grão Mogol «mandou fazer desenhos de Cristo e Nossa Senhora». Edward MACLAGAN, *op. cit.*, p. 84.

⁶² *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, cit., n.º 4, col. 1339.

⁶³ São as seguintes as descrições sumárias constantes do inventário: *Dittos de Plutarco em Parcio*; *Plutarco em Parcio*; *Plutarco da Consolação de morte de hum filho, em Parcio*; *Plutarco do proveito, que se pode tirar do inimigo em Parcio*.

⁶⁴ *Fuente de la Vida, em que se declaran las couzas de la Ley del Evangelio, y se daa razon de los principales misterios della, y se impugnan las Leyes contrarias, especialmente la de Mafoma*.

Concluindo, pensamos que esta apreciação sumária dos inventários das livrarias dos conventos de Santa Cruz dos Milagres e de Sto. António de Taná, bem como do elenco de obras, manuscritas e impressas, de autores jesuítas em Goa, evidencia a importância deste tipo de pesquisa para a história cultural, em particular no que toca às questões relativas ao livro na sua articulação com a acção missionária no Oriente português. Por outro lado, as *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Goa e seus Suffraganeos* são bem o exemplo de como uma fonte relativa à história eclesiástica pode permitir outro tipo de abordagem fecundo, neste caso, no campo cultural na Época Moderna.